

TRADUZINDO A BIXA-PRETA:
IMBRICAÇÕES INTERSECCIONAIS NA POÉTICA DE THOMAS GRIMES

*Translating The “Black-Queer”:
Intersectional Imbrications in The Poetics of Thomas Grimes*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-04

Fernando Luís de Morais*

RESUMO: Partindo de noções que circundam as categorias de gênero, raça/etnia e classe, dentro de uma perspectiva interseccional, objetivo, neste artigo, implementar uma reflexão acerca do fazer literário do poeta afro-americano bixa-preta Thomas Grimes. Para tanto, pauto-me em minhas traduções de alguns poemas contidos na seção “Glass Closets” [Armários de vidro] da coletânea *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* [Tirando leite de touros negros: 11 poetas negros-gay] (1995), organizada por Assotto Saint. Meu propósito é demonstrar como Grimes, ao mobilizar cenas diversas por meio de sua poética, não só desvela e articula saberes “subalternos” de grupos sociais explorados e oprimidos, mas também – e fundamentalmente – traça um diagnóstico apurado da empreitada hegemônica de banalização e desvalorização da subjetividade de sujeitos cuja materialidade corporal é negra-gay.

PALAVRAS-CHAVE: Bixa-preta. Interseccionalidade. Poemas. Thomas Grimes. Tradução.

ABSTRACT: Based upon an intersectional perspective on categories such as gender, race/ethnicity, and class, in this article I reflect on the literary work of the American Black-queer poet Thomas Grimes. To this end, I focus on my translations of some poems included in the section “Glass Closets”, in the anthology *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* (1995), edited by Assotto Saint. My intention is to demonstrate how Grimes, by mobilizing manifold scenes through his poetics, not only unveils and articulates “subaltern” bodies of knowledge of exploited and oppressed social groups, but also draws an in-depth diagnosis of the hegemonic endeavor of trivializing and devaluing the subjectivity of those whose bodily materiality is black and queer.

KEYWORDS: Black-queer. Intersectionality. Poems. Thomas Grimes. Translation.

1 Introdução

O questionamento das categorias de gênero, raça/etnia e classe tem se tornado cada vez mais frequente em contextos múltiplos, nos mais variados campos de estudo e sob as mais diversas óticas. Tal fato tem operado como uma forte reação aos discursos absolutistas, até recentemente assumidos como paradigmas de legitimação de humanidade. Ao colocar sob perspectiva a materialidade corporal “abjeta”, os predicamentos da diferença são balizados

* Doutorando em Teoria e Estudos Literários – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/IBILCE) / Concordia University (CU) / Université de Sherbrooke (UdS). ORCID: 0000-0003-4123-7824. E-mail: dmorays_2(AT)hotmail.com

pela constante violência perpetrada sobre os corpos – em especial, quando negros, gays e desprovidos de recursos. Contudo, as marcas impressas pela trans/homofobia, pelo racismo e pelo classismo raramente são lidas em conjunto, adensando o delusório argumento de que as subjetividades conformadoras dos sujeitos interseccionados, ao mesmo tempo, por vetores de raça, gênero e classe possam ser decompostas e dissociadas a depender da discriminação que se queira apontar.

Refletir sobre a complexidade das subjetividades conduz, inevitavelmente, à sondagem de uma gama de questões: como pensar os corpos adscritos a um nicho muito particular no qual gênero, raça/etnia e classe se entrecruzam? Quais discursos lhe são impelidos e quais são, por eles, rechaçados? Que significados esses corpos subalternizados reverberam e como empreendem uma luta pela autodefinição? Na busca por respostas aos questionamentos levantados, implementarei neste artigo uma reflexão acerca dos poemas traduzidos do poeta bixa-preta¹ Thomas Grimes, de forma a desvelar e articular os saberes “subalternos” de grupos sociais explorados e oprimidos, resgatados na poética por ele arquitetada.

Reclamando a atividade tradutória não só como forma de ativismo, mas igualmente como ação política e capital cultural da comunidade LBTTQIA+,² pauto-me em minhas traduções dos poemas de Thomas Grimes para a língua portuguesa. Contidas na seção “Glass Closets” [Armários de vidro] da coletânea *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* [Tirando leite de touros negros: 11 poetas negros-gay] (1995), organizada por Assotto Saint, as produções aqui sob análise podem ser encontradas em minha dissertação de mestrado intitulada *Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes* (2019).

¹ Em consonância com as especificidades de análise que desenvolvo, priorizarei, ao longo do texto, a grafia da palavra “bixa” em detrimento de “bicha”, forma gramaticalmente correta de escrita em língua portuguesa. Minha predileção pela grafia “bixa-preta”, enquanto palavra composta, relaciona-se à linhagem *quare* de pensamento, na qual instâncias raciais, étnicas, sociais e de classe são deliberadamente consideradas, possibilitando um olhar sobre os sujeitos negros-gay, interseccionados por múltiplos eixos de opressão.

² “LGBT” é a sigla, já desatualizada, que se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Tendo em vista essa defasagem temporal, privilegiarei o uso do acrônimo “LBTTQIA+”. “Q” caracteriza a perspectiva “teórica” e política dos Estudos *Queer*. A inserção da letra “l” faz referência à categoria Intersexo, ao passo que “A” reporta a Assexuados. Por fim, o símbolo “+” é incorporado para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

2 Bixa louca, preta, favelada: experiências interseccionais

No livro *Killing Rage: Ending Racism* [Eliminando a raiva: acabando com o racismo] (1995), mais precisamente no capítulo intitulado “Challenging Sexism in Black Life” [Desafiando o sexismo na vida negra], a teórica feminista negra bell hooks lança um olhar sobre a figura do homem negro. Ao analisar a compreensão da masculinidade prescrita dentro dos moldes contrafeitos da sociedade estadunidense, hooks mostra como esse entendimento é norteado pela imagem masculina assentada sobre os pilares da violência e da agressividade. Assim maciçamente consolidado, o projeto dessa gramática hostil e devastadora destoa da concepção de que “a hombridade não precisa ser equiparada a noções sexistas de masculinidade” (HOOKS, 1995, p. 67, tradução minha).

Corroborando a lógica heteronormativa que condiciona a “autenticidade” da identidade negra ao repúdio e preterição da identidade LGBTQIA+, o discurso racial opressivo reitera, como o faz a retórica homofóbica do *rapper* Ice Cube, que “os pretos de verdade não são gays”.³ Nesse recinto onde a homossexualidade instaura-se como desvio da afrocentricidade, a masculinidade – resultado de um discurso secular e exaustivamente forjado e repisado – repudia quaisquer expressões de feminilidade. Refletindo sobre esse mesmo mote de intolerância, o crítico norte-americano Earl Hutchinson, no texto “My Gay Problem, Your Black Problem” [Meu problema de gay, seu problema de negro] (2001), evidencia a flagrante hostilidade impingida contra os afro-americanos cuja performance de gênero escapa às injunções preceituadas pela matriz cis-heterossexual:

Do berço ao túmulo, os Estados Unidos, em grande parte, incutiram nos negros o pensamento de que eram menos que homens. Essa foi a causa de muitos deles acreditarem e aceitarem a propaganda de gênero que presumia os brancos como os únicos homens reais na sociedade americana. Em tentativa vã de recapturar a masculinidade negada, muitos homens negros espelharam o medo e o ódio tradicionais da América pela homossexualidade. Eles engoliram toda a falsa e perversa definição de masculinidade de John Wayne, acreditando que os homens de verdade falavam e agiam com firmeza, não choravam e nunca demonstravam suas emoções. Afinal, esses eram os pontos fortes da masculinidade. Ao quebrarem o código masculino de conduta prescrito e mostrarem seus sentimentos, esses homens eram retratados como fracos e tinham sua masculinidade questionada. (HUTCHINSON, 2001, p. 2-3, tradução minha)

³ “*true niggas ain’t gay*”, conforme consta na canção *Horny Lil’ Devil*.

Numa linha de raciocínio análoga, é pertinente apontar também que o negro “autêntico” está mais comumente associado ao “povo” e à classe trabalhadora – um vínculo dissimulado e perpetuador de uma ideia de que negros de classe média/alta são inautênticos e apolíticos. O professor estadunidense E. Patrick Johnson, no ensaio “‘Quare’ studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother” [Estudos ‘*quare*’ ou (quase) tudo o que sei sobre estudos *queer* aprendi com minha avó], advoga que

A masculinidade não é mais significativa à negritude do que a feminilidade; a heterossexualidade não é mais negra do que a homossexualidade; e viver em uma casa popular não torna alguém mais autenticamente negro do que possuir uma casa em um condomínio. (JOHNSON, 2005, p. 144, tradução minha)

Rejeitando sínteses redutoras e absolutistas, e esquivando-me de ingênuas complacências, não há como ocultar o problemático hiato entre o terreno racialmente marcado, o da classe e o da abjeção, aparentemente consolidados sobre uma formulaica rigidez monástica. Em outras palavras, relega-se à obscuridade o Outro irrepresentável, discrepante em relação ao modo como a negritude é percebida: um entrecruzamento entre cis-heterossexualidade, masculinidade e insuficiência de recursos.

A tessitura dos discursos acima referenciados testemunha um modelo identitário no qual raça/etnia, gênero e classe configuram-se enquanto domínios de experiências mutuamente excludentes. Contudo, em meio ao emaranhado complexo de relações que tramam as identidades, operadores como raça/etnia, gênero e classe – feixes estruturais atravessadores da subjetividade negra-gay-pobre – constituem pontos nodais e inextricavelmente entrelaçados. Por essa visada simbiótica, as arbitrariedades investidas contra negros, gays e desvalidos de recursos não são, forçosamente, as mesmas arremetidas contra aqueles que sustentam, a um só tempo, essas três identidades, atacadas, de modo implacável, pelo racismo, pela homofobia e pelo classismo. Sistemáticamente negligenciados por uma matriz social normativa inapta a lê-los por lentes multifocais, posto que são homens gays e negros e pobres, suas vivências raramente ocupam as pautas de debates. Logo, são materialidades vilipendiadas, constrangidas ao não-lugar, à órbita da abjeção. Reduzidos a tal recinto, insurgem como presenças quase fantasmagóricas, provocando cisões e rupturas no esforço de coesão mobilizado por uma matriz despótica, legitimadora unicamente de sujeitos hegemônicos. Colocam-se sob questionamento, portanto, o olhar narcisístico e o caráter bastante elitista – e, muitas vezes, inoperante – da abordagem de justiça social.

Preconizando uma perspectiva que refuta modelos hegemônicos e, ao mesmo tempo, dilata as possibilidades de compreensão dos sujeitos atravessados por múltiplos níveis de opressão, a ativista e pesquisadora estadunidense Kimberlé Crenshaw, no texto “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color” [Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres racializadas] (1995 [1991]), propõe a utilização da interseccionalidade como ferramenta analítica. Embora o termo “interseccionalidade” seja cunhado pela teórica nesse texto, uma definição mais precisa só irá aparecer, anos mais tarde, no artigo “Background Paper for the Expert Meeting on Gender Related Aspects of Race Discrimination” [Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero] (2002 [2000]):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 117)

Recorro também à definição proposta por Carla Akotirene (2018), com cujo posicionamento comungo:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras [e homens negros] são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

Conforme defendido por Crenshaw e Akotirene, a lente da interseccionalidade permite que a sobreposição entre as identidades de raça/etnia, sexo, classe, sexualidade, entre outras, seja incorporada na análise estrutural da “complexidade do mundo” e das “experiências humanas”, possibilitando perceber o entrecruzamento de eixos de divisão social, que trabalham de modo conjunto. Segundo também ensinam Patricia Hill Collins e Sirma Bilge: “Interseccionalidade é uma forma de entender e analisar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Os eventos e as condições da vida sócio-política e do ‘eu’ raramente podem ser compreendidos nos moldes de um fator único.” (COLLINS; BILGE, 2016,

p. 2, tradução minha). Um pensamento interseccional, portanto, propicia um escopo analítico mais amplo, capaz de alcançar diversas categorias de sujeito, reconhecendo suas especificidades.

Se, fundamentados nos preceitos de Crenshaw, de Akotirene, de Collins e Bilge e de tantos outros, estabelecermos um paralelo que ponha em foco a interseccionalidade e o sujeito hegemônico prototípico (a saber, homem, branco, heterossexual e de classe média/alta), esse emparelhamento forçar-nos-á a perceber que, quanto maior o desvio em relação ao modelo paradigmático de sujeito, tanto mais camadas de discriminações o indivíduo ver-se-á obrigado a transpor. E é justamente nesse exercício de solapamento de projetos cujo intuito é policiar as fronteiras do gênero, da raça/etnia e da classe que as “bixas loucas, pretas, faveladas” empenham seus esforços.

MC Linn da Quebrada, artista brasileira, trans e negra, em uma de suas músicas mais conhecidas, “Bixa preta” (2017), cunha e difunde o termo que dá nome à canção. Grafado com “x”, “bixa preta” ou, antes, “bixa-preta” – forma composta como prefiro escrevê-la –, configura uma estratégia de resignificação e rebeldia marcada na própria linguagem. Constituída da expressão depreciativa normalmente usada como xingamento e ofensa a gays afeminados, e da palavra não menos pejorativa para se referir a sujeitos negros, o novo vocábulo, formado por justaposição, aponta para as dimensões renovadas do gênero e da raça.

Resgatando a própria experiência enquanto sujeito interseccionado por vetores distintos, Da Quebrada serve-se de seu corpo como uma plataforma atravessada de sentidos políticos e artísticos e instaura um questionamento dos paradigmas chancelados pela cis-heteronormatividade, pela branquidade e pelo classismo colonizadores. Desde o início da canção, a crítica da artista é nítida e solidamente delineada:

Bixa estranha, louca, preta, da favela
Quando ela tá passando, todos riem da cara dela.
Mas se liga, macho, presta muita atenção,
Senta e observa a tua destruição.

Que eu sou uma bixa louca, preta, favelada,
Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada.
Se tu for esperto, pode logo perceber
Que eu já não tô pra brincadeira,
Eu vou botar é pra foder.

(DA QUEBRADA, 2017, não paginado)

Em artigo da revista *CartaCapital*, a cantora, ao refletir sobre os territórios ocupados por corpos travestis – leitura possível de ser notoriamente distendida para contemplar outros corpos “fora da norma” –, declara que, embora conquistando terreno, há uma excessiva dificuldade de ocupação dessas órbitas e, por consequência, incontáveis objeções ao trânsito desses sujeitos. Articulando um potente e lúcido discurso, afirma:

Aí o que os homens mimados representantes do privilégio fazem? Tremem e tentam garantir o seu território. Querem o parquinho só para eles, não querem que nós estejamos nas faculdades. Os policiais, políticos, homens de poder performam e exercem o poder, o pouco que ainda circula entre eles, porque estão com medo. Estão perdendo território. (DA QUEBRADA apud SANCHES, 2019, não paginado)

Num cenário promissor, um dos avanços cruciais a ser aportado por um projeto que acate a diversidade em suas distintas formas de expressão é, como reconhecido por Dennis Altman, “a vantagem de retirar do gueto os estudos gays e lésbicos, de modo que temas e questões homossexuais começassem a ser discutidos em contextos mais amplos” (ALTMAN, 1996, não paginado, tradução minha). Essa proposição parece cabalmente recepcionada pela analítica original concebida pelo professor de Estudos Afro-americanos e Performance E. Patrick Johnson. Em “‘Quare’ studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother”, ensaio datado de 2001, republicado em 2005 e por mim traduzido (DE MORAIS, 2020), o teórico inaugura uma nova linhagem de pesquisa, os estudos *quare*. Conforme sua própria definição atualizada do termo:

Quare /kwer/, s. **1.** Mesmo que *queer*; contrário de *hétero*; estranho ou ligeiramente excêntrico; do vernáculo afro-americano para *queer*; às vezes usado de forma homofóbica, mas sempre denotando excesso que não pode ser contido dentro das categorias convencionais do *ser*; curiosamente, equivalente à variante anglo-irlandesa (e, às vezes, afro-irlandesa) de *queer*, como na famosa peça *The Quare Fellow*, de Brendan Behan.
- adj. **2.** lésbica, gay, bissexual ou transgênero racializado que ama outros homens ou outras mulheres, sexualmente e/ou não sexualmente, e aprecia a cultura e a comunidade negras.
- s. **3.** Aquele que *pensa e sente e age* (e, às vezes, “reage”); comprometido com a luta contra todas as formas de opressão – de raça, de sexo, de gênero, de classe, de religião etc.
- s. **4.** Aquele para quem as identidades de sexo e de gênero já, e desde sempre, estabelecem interseccionalidades com a subjetividade racial.

5. *quare* está para *queer* assim como “gongar” está para “destilar veneno”.⁴ (JOHNSON, 2005, p. 125, tradução minha)

A explicação trazida acima, em seu desdobramento interseccional e multidimensional, prenuncia não só o inventário de possibilidades dessa nova perspectiva, mas também seu caráter intrépido, inclusivo e certo. Dentre os acertos da promissora analítica, que, em seu esforço de coesão, viabiliza uma estratégia de leitura da sexualidade racializada – ponto nevrálgico e forte de suas contribuições teóricas –, Johnson, em investigação sistemática, não deixa de considerar a materialidade do corpo. Desatender a tal princípio, conforme constata o teórico, é “privilegiar a posição daqueles cuja subjetividade e agência, fora do âmbito do gênero e da sexualidade, nunca foram subjugadas” (JOHNSON, 2005, p. 139, tradução minha). O segundo acerto refere-se à atenção às contribuições substanciais, quer no campo intelectual, estético ou político, aportadas por aqueles que não se encontram sob as rubricas “branco” e “classe média/alta” na luta contra a intolerância sexual e racial.

Desconstruindo a falácia do insuspeito universalismo, Johnson confere particular consideração às diferenças e implementa um projeto baseado numa irrestrita inclusividade. Nessa alternativa mais elaborada e lúcida de democratização, reivindica a legitimação de um “corpo político” que não só vise a uma compreensão não-essencialista de raça/etnia e gênero, mas também considere os corpos em sua materialidade – territórios amiúde convertidos em um local de hostilidade e selvageria, onde coerções e violências racistas e/ou sexistas e/ou trans/homofóbicas são perpetradas. Segundo defende o autor, “em sua maioria, os corpos brancos são discursiva e corporalmente naturalizados como universais. Historicamente, [...] não foram traficados, violados, queimados e arrastados por caminhões por incorporarem identidades racializadas.” (JOHNSON, 2005, p. 132, tradução minha).

Adotar uma visada predisposta ao entendimento de que as diferenças existem, devendo ser reconhecidas e respeitadas, é oportunizar que a história seja contada a partir de um ponto de vista diferente, sem, para isso, usar as “ferramentas do mestre” (LORDE, 1979). A conquista desse espaço, dessa voz, até então interditos, promove “fissuras na ordem social essencialista

⁴ Os termos referem-se a “*reading*” e “*throwing shade*”, duas gírias usadas no cenário LGBTQIA+ estadunidense. A primeira expressão corresponde a um insulto perspicaz, muitas vezes de forma exagerada, exorbitante, imediatamente reconhecível, sobre os defeitos de uma pessoa. A segunda, por seu turno, corresponde a uma versão atenuada e indireta daquela.

apregoadora de um discurso que nega as diferenças e enfatiza um pensamento dicotômico e preconceituoso” (NIGRO; JESUS; CARBONIERI, 2017, p. 12).

3 Tradução como estratégia de resgate de vozes

O campo da produção literária, gerador e disseminador de discursos, ainda é fortemente assinalado como espaço excludente. Uma rápida olhadela no inventário de autores elencados no cânone da Literatura – quer local, quer mundial – evidencia um protótipo hegemônico de sujeito. Em outros termos, são, sobretudo, homens, cis-heterossexuais, brancos, de classe média/alta, radicados em grandes centros urbanos. Por conseguinte, essa mesma e prevaiente materialidade (também corporal) encontra-se espelhada em suas produções. Ao “Outro”, configurado como diferente, resta uma completa supressão ou, na melhor das hipóteses, uma condição de mudez e subalternidade, frequentemente crivada de estereótipos.

Relegados ao limbo, a redutos negligenciados, alguns autores “bixas-pretas”, no entanto, contam com mecanismos de expressão que trespasam campos de força culturalmente saturados, propondo uma retórica testemunhadora da lógica cis-heteronormativa e eurocêntrica. Um desses autores é o poeta estadunidense negro-gay Thomas Anthony Grimes (1957-2003), que, ao perscrutar os redutos de entrincheiramento a fim de remover o véu do obscurantismo circundante das identidades ditas subalternas, contribui contundentemente para a expansão dos horizontes literários.

Com intuito de dar visibilidade, em âmbito nacional, a pelo menos parte da obra desse autor – apagado, como tantos outros, do cânone da Literatura –, apresento, neste espaço, algumas de minhas traduções dos poemas contidos na seção “Glass Closets” da coletânea *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* (1995), editada por Assotto Saint. O exercício tradutório dos poemas aqui apresentados constituiu a proposta do terceiro capítulo da dissertação *Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes* (2019), de minha autoria, cujo objetivo maior era o estudo de uma poesia subversiva, que atuasse como agente de transformação social, dando, ao mesmo tempo, visibilidade aos negros-gay e denunciando a estrutura despótica dos sistemas absolutos a serem rechaçados.

Reconhecendo a linguagem como instrumento de resistência, um meio que possibilita a visibilidade de sujeitos ostracizados, encaro a tradução como conjuntura de divulgação de textos preteridos e vozes outras, inauditas. Para mais, assumo meu ofício de tradução como um universo permeado por marcas subjetivas e enquanto espaço que recebe minha militância antitrans/homofóbica, antirracista e anticlassista. A seleção dos textos e as opções tradutórias evidenciam, portanto, meu sectarismo bem como minhas convicções políticas. Norteados por tais parâmetros, penso que empreender um projeto de tradução de um poeta bixa-preta, não elitizado, gerido por um tradutor crivado pelos mesmos eixos interseccionais, opera, nesse sentido, em nível profundo, como uma intervenção crítica nos discursos acerca da raça/etnia, do gênero e da classe. Ser atravessado por esses entroncamentos significa, antes, enfrentar a condição de inferioridade e depreciação no âmbito social, literário e também tradutório. Por sermos, inegavelmente, sujeitos da linguagem, esse meio sistemático assume, assim, uma responsabilidade determinante na promoção da visibilidade.

Thomas Grimes insufla, em sua escrita, um discurso que, apesar de erigido na experiência da angústia, da mágoa e do sofrimento, transforma-se, em última instância, em um potencial *locus* – não tão *amoenus* – de diluição e liquefação da dor. Constrói, por conseguinte, uma narrativa singular, como escrita de uma vivência do próprio corpo negro-gay masculino, metaforizando a luta contra a ideologia dominante e estagnadora de uma sociedade para a qual nada pode fugir às convenções, ao *establishment*.

Em “On The Menu” [No menu], por exemplo, Grimes cria um eu poético que faz um recorte bastante preciso do objeto de seu desejo. Ao igualar a figura dos amantes com o alimento servido no café da manhã, o poeta exalta o corpo negro masculino – tão libidinoso em nível imagético – como um lugar não de resistência, relutância, angústia e trauma, mas de desejo e deleite:

No menu

Eu gosto de meus amantes assim como meu café:
Negros e bem doces

Eu gosto de abraços recém-espremidos de manhã
Beijos com sabor de laranjas

Eu gosto de minha torrada com manteiga de ambos os lados
com muita geleia e compota no meio dos pães doces

Eu gosto mais de linguiça do que de bacon e eu a prefiro
Picante, succulenta, bem-passada e tenra

Eu gosto dos meus ovos duros (a saber, cozidos)
Moles nunca me apeterceram

Eu gosto de café da manhã na cama, pois é a única maneira
De começar com determinação total.

(GRIMES, 1995, p. 113, tradução minha).⁵

Ao retratar suas predileções – indicadas em todas as estrofes pelo uso anafórico da expressão “eu gosto” –, o eu lírico constrói-se identitariamente, localizando-se numa posição de escolha. Desencadeando o apetite e a volúpia, há uma analogia fundada entre o corpo dos amantes e os elementos integrantes do café da manhã. Cada um desses componentes é traduzido em signos do desejo. A associação elaborada entre a comida e o sexo leva-nos a pensar no destino inevitável daqueles alimentos: serem saboreados, comidos. É pertinente recordar que o verbo “comer”, em língua portuguesa, e também seu equivalente “eat”, em inglês, são polissêmicos, podendo se referir à ingestão do alimento, no sentido de degustá-lo, apreciá-lo e, igualmente, aludir ao ato sexual, à cópula. “Comer” está, portanto, impregnado de sentidos, intenções, desejos e prazeres. Ainda sobre o desejo, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, ao analisá-lo, usa, coincidentemente, metáforas que orbitam o campo semântico da digestão: “Desejo é vontade de *consumir*. *Absorver*, *devorar*, *ingerir* e *digerir* — aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade” (BAUMAN, 2004, p. 12, grifo meu).

Produto da elaboração da matéria poética, o poema revela-se uma composição erótica do reconhecimento do Outro, cujo corpo – “negro e bem doce” – é flagrado, colocado em cena e celebrado. Invertem-se os papéis: o homem negro é posicionado na condição positiva, como objeto do desejo, desvelando uma lógica conturbadora dos preceitos insuflados pela regente matriz heteronormativa de ordem branca. Por conseguinte, a corporalidade negra transgride as cláusulas facciosas de apagamento/silenciamento, ganhando novos significados, transparecendo não como materialidade ordinária, vulgar, mas, antes, como catalisador

⁵ “On The Menu // I like my lovers the way I like my coffee / Black with lots of sugar // I like freshly-squeezed hugs in the morning / Kisses that taste of oranges // I like my toast buttered on both sides with lots / Of jelly and jam between sweet rolls // I like sausage over bacon and I prefer it / Hot, juicy, well-done and tender // I like my eggs hard (boiled that is) / Over easy was never my thing // I like breakfast in bed because it’s the only way / To get down to the real true grit.” (GRIMES, 1995, p. 113).

determinante de valores contraditórios de padrões normativos. De igual modo, é imprescindível assinalar a construção do Outro a partir de um *locus* de enunciação alheio às perspectivas eurocêntricas e hegemônicas, como forma de convulsionar os maléficos estereótipos que pesam sobre a estética corporal negra. Urde-se, assim, os fios de uma estética hábil a desafiar discursos instituídos sob a égide do racismo, do classismo, da inferioridade, da bestialização.

Como podemos depreender, o corpo negro-gay passa a importar, a ter relevância, sendo convertido em objeto de desejo e de prazer. Uma leitura desatenta, contudo, levar-nos-ia a pensar num processo de objetificação/coisificação e sexualização desse corpo. Porém, inteirando-nos do histórico de militância de Grimes, sabemos que suas lutas correm na contramão desse fluxo. O autor, rejeitando a domesticação e disciplinação dos corpos, estabelece uma proposição interseccional na qual homens negros e gays figuram como ponto de difusão de características positivas. Assim sendo, o corpo é cartografado em sua plena imponência.

No poema “Miss Alma” [Srta. Alma], por sua vez, Grimes, ilustrando a desagregação de um núcleo identitário sólido, perene, imutável, rememora e traz à tona a figura da transexual. No contexto de uma sociedade binária em relação ao gênero – onde apenas as identidades “puramente”/“essencialmente” masculinas ou femininas são legitimadas –, assumir-se transexual significa distorcer e deturpar as diretrizes prescritas, estando subjugado à gravidade das inúmeras formas de violência. Recuperemos o poema:

Srta. Alma

Srta. Alma veio ao mundo como homem
A namorada, contudo, sabia que se tratava de uma perfeita dama
Rosto sempre embonecado
Batom tangerina impecavelmente aplicado
A Dona da Porra Toda reluzia como o pôr do sol

Aos fins de semana
Passava a maior parte do tempo
No bar
No mesmo bar onde conhecia a todos
E toda a sordidez

Quem testasse a Srta. Alma
Ela o leria por inteiro
De modo que toda a espelunca ouvisse sua história
A rainha inspirava respeito
Sentada em seu trono de bar

Doce e delicada
 Srta. Alma operava sua mágica
 Sem lançar qualquer tipo de feitiço
 Apenas piscando os cílios postiços

Srta. Alma dizia ser capaz de lidar com qualquer homem
 Que encontrasse
 Independentemente do tamanho do pau
 Ela poderia dar-lhe uma surra de boceta e descartá-lo
 E ele ainda voltaria pedindo mais e mais

O último homem a vir não queria ir embora
 Queria sentir-se em casa em um lugar
 Ao qual não pertencia
 Era um daqueles “ladrões”
 Ele roubou-lhe o tempo
 A boceta
 E a vida

Srta. Alma era uma costureira e tanto
 Boa em juntar suas quinquilharias
 Fazia as próprias roupas
 Traçou o próprio caminho na vida
 Sem nunca pedir nada a ninguém
 Nem mesmo permissão para ser ela mesma
 E um homem qualquer cravou uma faca em seu corpo
 Cravou-a
 Tal qual espetasse um alfinete em uma almofada
 Várias e várias e várias vezes

Srta. Alma veio ao mundo como homem
 Mas deixou-o como mulher
 E a namorada sabia que se tratava de uma perfeita dama
 Rosto sempre embonecado
 Batom tangerina impecavelmente aplicado
 A Dona da Porra Toda reluz em minha memória como um pôr do sol.

(GRIMES, 1995, p. 115-116, tradução minha).⁶

⁶ “**Miss Alma** // *Miss Alma came into this world as a man / But girlfriend knew she was a perfect lady / Her face was always done up / Tangerine lipstick neatly applied / Miss Thing glowed like a sunset // On weekends / Most of her time was spent hanging out / At the bar / The same bar where she knew all the people / And all the dirt // Anybody tried Miss Alma / She would read you from cover to cover / Letting the whole joint hear your story / The queen commanded respect / As she sat on her bar-stool throne // Sweet and petite / Miss Alma could work her magic / Without casting a spell / Just by batting her Maybellines eyes // Miss Alma said she could handle any man / She encountered / Said no matter how big his dick was / She could pussy-whip him and throw him out / He would still come back for more and more and more // The last man who came didn't want to leave / Wanted to make himself at home in a place / Where he didn't belong / He was one of those “takers” / He took her time / Her pussy / And her life // Miss Alma was a damn good seamstress / Good at getting her shit together / Made her own clothes / Made her own way in this life / Never asked nobody for nothing / Not even the permission to be*

Nessa produção, o poeta traz à ribalta a cólera e a ferocidade infundidas sobre as mulheres. Numa estrutura social cispatricaralista e misógina, na qual o masculino é priorizado, venerado, em detrimento do feminino, degradado, são explícitas as marcas da transfobia e da transmisoginia. Deve-se a isso o fato de os sujeitos “discrepantes” serem vexados, violentados, pois, no imaginário social, refutam a hombridade (o “papel de homem”, macho, viril, dominador) aderindo à feminilidade (o “papel passivo”, frágil e submisso). Não obstante Grimes apenas pontuar a violência física (“E um homem qualquer cravou uma faca em seu corpo / Cravou-a / Tal qual espetasse um alfinete em uma almofada / Várias e várias e várias vezes”), perpetrada de forma brutal, estamos cientes da existência de muitas outras formas de agressão como os apontamentos, os comentários depreciadores, as piadas de cunho preconceituoso, as ofensas e a negação de direitos fundamentais. Todo esse panorama hediondo e desumano instaura um sentimento visceral de temor decorrente de uma “política do medo cotidiano” (ZUKIN, 1995 apud BAUMAN, 2001, p. 121).

Desarmando um santuário da suposta normalidade e palatabilidade do gênero, Grimes intima a congruência do presumível regime heteronormativo: “Srta. Alma veio ao mundo como homem / A namorada, contudo, sabia que se tratava de uma perfeita dama”; “Srta. Alma veio ao mundo como homem / Mas deixou-o como mulher”. Ao recorrer a essa corporeidade que “estranha”, desacomoda e embaralha as regras da lógica binária, pois transita do masculino ao feminino, o poeta (re)articula a materialidade de corpos avessos aos múltiplos (pre)conceitos e ininteligibilidades orientadores da polarização limitante e “higienizadora”. Como tal, Srta. Alma, não é – e não pode ser – compreendida por nenhuma prescrição/delimitação natural, e, nesse sentido, esfacela os pilares que “engendram a construção de uma diferença sexual sobre uma lógica binária, opositora e disjuntiva, ao invés de sobre uma diversidade conjuntiva de gêneros plurais” (MENDES, 2017).

Contudo, a força implacável dessas disposições reacionárias propala efeitos impiedosos. O poema traz a figura de Srta. Alma, violentamente atacada por um “ladrão” homofóbico, que, por fim, tira-lhe a vida a facadas. Grimes retrata aí a realidade de tantos corpos cotidianamente

herself / And some man plunged a knife in her body / Plunged it / As if sticking a pin in a cushion / Over and over and over again // Miss Alma came into this world as a man / But left it as a woman / And girlfriend knew she was a perfect lady / Her face was always done up / Tangerine lipstick neatly applied / Miss Thing glows in my memory like a sunset.” (GRIMES, 1995, p. 115-116).

assolados por hostilidades – não só físicas, mas também verbais – e apartados da sociedade por serem considerados ilegítimos. O sentimento de agudeza faz-se ainda mais notável quando o poeta promove um jogo com versos positivos, usados para descrever a postura imponente da Srta. Alma (“Srta. Alma era uma costureira e tanto / Boa em juntar suas quinquilharias”, “Traçou o próprio caminho na vida / Sem nunca pedir nada a ninguém”), e aqueles negativos, empregados para pormenorizar as atitudes do “ladrão”: “Ele era um daqueles ‘ladroes’ / Ele roubou-lhe o tempo / A boceta / E a vida”, “E um homem qualquer cravou uma faca em seu corpo / Cravou-a / Tal qual espetasse um alfinete em uma almofada / Várias e várias e várias vezes”. O estabelecimento desse contraste confere uma intensificação da ação destrutiva/letal por parte do opressor. Não é difícil vê-lo como um produto de uma sociedade ainda regulada pelos ensinamentos arcaicos advindos de uma matriz cis-heteronormativa.

Uma manifesta rebeldia contra os limites de exclusão, uma negação e um rechaço da identidade do Outro são-nos apresentados em “Glass Closet” [Armário de vidro]. Armado de profunda consciência crítica e particularmente contrário às condutas de servilismo e sujeição frente aos discursos hegemônicos, o poeta adota a autoafirmação como um de seus temas:

Armário de vidro

Se você não afirmar sua própria existência
 Ninguém o irá fazer
 Ninguém o defenderá
 Ou lutará suas lutas
 Ninguém derramará uma gota de sangue por você
 Ninguém o irá proteger de ser chamado de
 “Bichinha rebelde”
 Ninguém irá arrancar as línguas das bocas
 Daqueles que cospem em você
 Ou quebrar os braços
 Daqueles que usam pedaços de pau para espancá-lo
 Assuma o controle
 Abandone seus medos
 Faça-o por si mesmo

Se você não afirmar sua própria existência
 Ninguém o irá fazer
 Você tem de manter a cabeça erguida
 Como o rei ou a rainha que você é
 Você tem de andar pelas ruas desafiadoramente
 Onde sabe que não é desejado
 E dizer: “Dê passagem!”
 Lute se você tiver de combater

Sangre se for preciso
 Mas afirme sua própria existência
 Não há esconderijos
 Viver em um armário de vidro não
 O irá proteger

Se ele se estilhaçar, seja forte
 Não deixe as pedras atiradas
 Aniquiliarem-no.

(GRIMES, 1995, p. 121, tradução minha).⁷

O clamor expresso nessa produção apregoa um sentimento de desacordo e a defesa da própria identidade, despontados como efeito rebote aos discursos prevalecentes e, por isso, adscritos como postulados presumivelmente intocáveis e incontestáveis. Diante desse fato, autoafirmar-se significa buscar – ainda que o percurso seja árido e excruciante – um ponto de irreduzibilidade frente às devastadoras consequências de uma guerra maciça e anuladora da dicção do Outro. Posicionar-se adquire, por conseguinte, uma relevância tópica, pois, além de servir como operação lúcida de investimento contra o peso das opressões, contra a experiência perturbadora do deslocamento e do desajuste, serve, igualmente, como mecanismo capaz de deter as investidas contra a história e a identidade pessoais. Perfilha-se, ao longo dos versos, uma retórica insuflada de um novo vigor, que avista na voz “cacofônica”, contraventora e beligerante a abertura de possibilidades para que os indivíduos se repensem de modo a desestruturar hierarquizações e, conseqüentemente, a eminência de identidades – quase sempre degradadas e viciosas – infligidas, impostas, imputadas. Os esforços dedicados à luta por equidade e justiça não podem ser refreados pelo medo e pela insegurança de andar pelas ruas “[o]nde sabe que não é desejado”. Empreender um mergulho em si, buscando a autoafirmação, deve ser um exercício cotidiano para aqueles cujas vidas são marcadas pelas agruras impelidas pelo opressor. Urge, assim, reclamar o comando, abandonar as fraquezas e vulnerabilidades, opor-se com determinação, sangrar se preciso for: “Lute se você tiver de combater / Sangre se for preciso”. Como sustentei em outro momento,

⁷ “**Glass closet** // If you don’t affirm your own existence / Nobody else will / Nobody will stand your ground / Or fight your battles / Nobody will bleed for you / Nobody will protect you from being called / “Faggot sissy punk” / Nobody will rip the tongues from the mouths / Of those who spit at you / Or break the arms / Of those who uses sticks and bats to beat you / Take control / Shed your fears / Do it for yourself // If you don’t affirm your own existence / Nobody else will / You have to stand tall and proud / Like the king or queen you are / You have to walk defiantly down streets / Where you know you aren’t wanted / And say “step aside” / Fight if you have to / Bleed if you must / But affirm your own existence / There is no hiding place / Living in a glass closet will not / Protect you // If it shatters be strong / Don’t let the rocks that are thrown / Cause you to crumble.” (GRIMES, 1995, p. 121)

Especialmente notável aqui é o empenho auto-afirmativo do sujeito explicitamente anulando discursos patriarcais. Sua retórica revitalizante abre uma possibilidade para que os indivíduos pensem em si de forma a desestabilizar a eminência de identidades infligidas. Como consequência da reivindicação do “eu”, isto é, o brado libertador que oferece resistência a categorias inflexíveis de opressão, evidencia-se um desdobramento do “eu” enquanto objeto da autoridade e dominação do outro, à possibilidade de autodefinir-se e tornar-se sujeito de si. Resistir à definição e falar por si mesmo usando toda a potência da voz para tentar expressar essa totalidade do “eu” é vital para a afirmação da identidade. (MORAIS, 2015, p. 93).

Ousar um passo em direção à autoafirmação é desafiar a consequência direta desse arranjo arbitrário e coercitivo que veta ao subalternizado uma identidade positiva, elaborada por si mesmo. Sob a condição de serem negros-gays-pobres pesam opressivamente as mecânicas de precarização e esfacelamento de vidas, quais sejam, o racismo, a homofobia, o elitismo, os estigmas e os impedimentos. Em um extrato de outro poema, “February 10, 1993” [10 de fevereiro de 1993], Grimes expõe esse desacato a milhares de existências ao afirmar serem convertidas a meros “rostos invisíveis / Cujos tributos fúnebres nunca serão televisionados nacionalmente / Cujos nomes não estarão estampados nas capas dos jornais” (GRIMES, 1995, p. 118, tradução minha).⁸ Notadamente, traz a lume a presença desses sujeitos remetidos ao esquecimento, compelidos a ocupar um *locus horrendus*, e cujas vidas são “desbotadas”, tornadas ilegíveis pela força da indiferença e do descaso.

4 Palavras-bálsamo para aplacar a letargia e acalentar vidas

Como poeta que vivenciou os horrores das décadas de 80 e 90, Thomas Grimes conhece os efeitos definidores, classificadores, segregadores e separatistas articulados, de forma sistêmica, por uma matriz despótica e asfixiante. Assim, mobilizando cenas diversas, traça um diagnóstico apurado dessa empreitada de desvalorização da subjetividade. Aliás, incorrer na fatalidade de ignorar esses efeitos é tão pernicioso quanto se sujeitar a eles.

Na contundência da escrita, Grimes ressoa a potência da “voz liberada” (HOOKS, 1989 apud CAMPBELL; KEAN, 1997), falando a língua dos “abjetos”, daqueles impulsionados e repelidos ao limbo não por vontade própria, mas por força das circunstâncias desumanizadoras. Numa linguagem translúcida, asséptica, assertiva, mune-se de versos-

⁸ “invisible faces / Whose eulogies will never be nationally televised / Whose names will not appear on the front pages.” (GRIMES, 1995, p. 118)

bomba, prestes a explodir e estilhaçar as normas dogmáticas do cis-heteronormativismo, da branquidade e do classismo. À medida que os poemas vão tomando forma – e passam a abranger espaços outros por meio da tradução –, esculpem novos continentes, singram novos caminhos, instigando consciências críticas à reflexão e posicionamento contínuos. O ponto nodal de minhas traduções aqui apresentadas está em sublinhar questões relacionadas à opressão, ao privilégio e à resistência às tiranias sociais acometedoras dos corpos negros-gay, nos quais a materialidade importa, mas que, amiúde, é convertida em pesar. Em seu gesto escritural – entranhado de palavras-bálsamo aplacadoras da letargia –, o poeta resgata vidas, concedendo-lhes uma nova possibilidade de alento, uma lufada de ar fresco.

Obstinado a não se calar frente ao silenciamento causticante, Thomas Grimes representa uma voz pungente, precisa e desveladora dos sintomas perturbadores da crise social. Embora postumamente, lima, de forma gradual e implacável, as regras regentes das férreas leis comandantes do ordenamento social, condicionado por uma matriz excludente. O desejo de uma eclosão revolucionária que perpassa sua escrita, energética e vigorosa, des(a)fia os liames sociais estagnadores do sujeito. Ao urdir os fios da linguagem, Grimes reconstrói um tecido social onde sujeitos negros-gay – antítese dos protótipos cis-heteropatriarcais brancos de classe elitizada – figuram como peças-chave. Em análise última, cria, portanto, uma arena pública para que esses sujeitos ostracizados posicionem-se e desnudem seu passado e suas “memórias de trauma, dor, injúrias” (WALCOTT, 2005, p. 90, tradução minha).

Referências

- AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.
- ALTMAN, D. On global queering. **Australian Humanities Review**, v. 2, jul. 1996. Disponível em: <http://australianhumanitiesreview.org/1996/07/01/on-global-queering/>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMPBELL, N.; KEAN, A. **American Cultural Studies: An Introduction to American Culture**. New York: Routledge, 1997.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Intersectionality**. Cambridge, UK: Polity Press, 2016.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *In*: CRENSHAW, K. et al. (ed.). **Critical Race Theory: The Key Writings That Formed the Movement**. New York: New Press, 1995. p. 357-383.

DA QUEBRADA, MC L. Bixa Preta – Áudio Oficial. YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>. Acesso em: 15 ago. 2020

DA QUEBRADA, MC. L. *In*: SANCHES, P. A. Sem medo, Linn da Quebrada confronta o Brasil moralista. **CartaCapital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/sem-medo-linn-da-quebrada-confronta-o-brasil-moralista/>. Acesso em: 28 jul. 2020

DE MORAIS, F. L. **Analítica Quare**: como ler o humano. Salvador: Editora Devires, 2020.

GRIMES, T. Glass Closets. *In*: SAINT, A. (ed.). **Milking black bull: 11 gay black poets**. 1. ed. Sicklerville, NJ: Vega Press, 1995. p. 109-121.

HOOKS, B. **Killing Rage**: Ending Racism. New York: Henry Holt, 1995.

HOOKS, B. **Talking Back**: Thinking Feminist, Thinking Black. Boston, MA: South End Press, 1989.

HUTCHINSON, E. O. My Gay Problem, Your Black Problem. *In*: CONSTANTINE-SIMMS, D. (ed.). **The Greatest Taboo**: Homosexuality in Black Communities. Los Angeles: Alyson Books, 2001. p. 2-6.

JOHNSON, E. P. ‘Quare’ Studies or (Almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother. *In*: JOHNSON, E. P.; HENDERSON, M. G. (ed.). **Black Queer Studies: A Critical Anthology**. Durham: Duke University Press, 2005. p. 124-157. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11cw38r.11>

JOHNSON, E. P.; HENDERSON, M. G. (ed.). **Black Queer Studies: A Critical Anthology**. Durham: Duke University Press, 2005. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11cw38r>

LORDE, A. **The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House**. Disponível em: <https://www.historyisaweapon.com/defcon1/lordedismantle.html>. Acesso em: 06 nov. 2018

MENDES, R. de O. Buck Angel, transexualidade e gênero: algumas considerações psiqueeranalíticas sobre os sexos de Angel. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 47, p. 91-110, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 17 out. 2018.

MORAIS, F. L. de. **Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido**: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado Letras) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, 2019.

MORAIS, F. L. de. Vozes inquebrantáveis: a construção identitária na poesia de Thomas Grimes. *In*: NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J. C. (org.). **Literatura e gênero**. São José do Rio Preto, SP: HN, 2015. p. 79-106.

NIGRO, C. M. C.; JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (org.). **Estudos sobre gênero**: identidades, discursos e educação. Homenagem a João W. Nery. Campinas/SP: Pontes Editores, 2017.

SAINT, A. (Ed.). **Milking Black Bull**: 11 Gay Black Poets. 1. ed. Sicklerville, NJ: Vega Press, 1995.

WALCOTT, R. Outside in black studies: reading from a queer place in the diaspora. *In*: JOHNSON, E. P.; HENDERSON, M. G. (ed.). **Black Queer Studies**: A Critical Anthology. Durham: Duke University Press, 2005. p. 90-105. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11cw38r.9>

Recebido em: 08.04.2021

Aprovado em: 18.01.2022